

## ***LIBRO DEL CONOSCIMIENTO DE TODOS LOS REINOS***

As viagens na Ásia em um livro de viagem imaginário do século XIV

## ***LIBRO DEL CONOSCIMIENTO DE TODOS LOS REINOS***

The travels in Asia in a fourteenth-century travel book

JORGE LUIZ VOLOSKI <sup>1</sup>

### **RESUMO**

Escrito no século XIV, o *Libro del conocimiento de todos los reinos* constitui um prático guia de viagem cujo conteúdo aborda a descrição de praticamente todo o mundo conhecido naquele contexto. Narrado em primeira pessoa, o relato redigido por um itinerante anônimo percorre as regiões da Ásia de maneira imaginária, mesclando o conhecimento da época referente a tais localizações. Assim, apresenta informações a respeito dos lugares percorridos, como a cultura e religião dos povos, a geografia da região, as bandeiras dos reinos, algumas curiosidades, entre outras coisas. Dessa forma, o presente artigo busca entender a relação do livro com as viagens medievais ao Oriente. Para tanto, partiremos das problemáticas atuais dos pesquisadores referentes às razões que levaram o autor a narrar, e não à veracidade das descrições. Relacionaremos a obra com outros escritos de viagens da época, percebendo, por exemplo, como apresenta a situação dos deslocamentos naquele contexto, os tipos de embarcações utilizados, os grupos itinerantes daquelas regiões e a expectativa no que diz respeito às cidades.

**Palavras-chave:** Libro del conocimiento. Idade Média. Viagem. Oriente.

### **ABSTRACT**

Written in the 14th century, *Libro del conocimiento de todos los Reinos* is a practical travel guide whose content discuss the description of practically the entire known world in that context. Narrated in the first person, the report written by an anonymous travel through the regions of Asia in an imaginary way, mixing the knowledge of the time regarding such locations. Thus, it presents information about the places visited, such as the culture and religion of the people, the geography of the region, the flags of the kingdoms, some curiosities, among other things. In this way, this article seeks to understand the relationship between the book and medieval travels to the East. To do so, we will start from the current problems of researchers referring not to the veracity of the

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História- PPH/UEM. Bolsista CAPES. Email: [jorgeluiivoloski@gmail.com](mailto:jorgeluiivoloski@gmail.com).

descriptions, but to the reasons that led the author to narrate. We will relate the work with other travel writings of the time, realizing, for example, how it presents the situation of displacements in that context, the types of vessels used, the itinerant groups of those regions and the expectation regarding the cities.

**Keywords:** Libro del conocimiento. Middle Ages. Travel. East.

## INTRODUÇÃO

Há tempos a historiografia pensa os indivíduos da Idade Média na qualidade de *homo viator*, ou seja, como aquele que segue um caminho, ora físico ou imaginário, ora simbólico<sup>2</sup>. Portanto, não raros são os estudos dos escritos daqueles cujo empenho foi o de empreender ou imaginar jornadas curtas ou longas, motivados por questões diversas, a exemplo do comércio, desejo de aventura, evangelização, fuga da realidade cotidiana e entretenimento.

No que diz respeito aos viajantes à Ásia, os pesquisadores legam relativa ênfase à expansão europeia em direção ao Oriente sucedida após o ano mil, destacando os peregrinos e cruzados. Esses itinerantes, seja homens ou mulheres de diferentes posições sociais, observados atentamente, apresentam aspectos além do simplesmente religioso. Sob outra perspectiva, eles também ilustram as singularidades dos séculos XI e XIII, evidenciando, dentre outros, o crescente interesse europeu para com o Oriente, resultado de mudanças internas, como o crescimento populacional, aumento na produção agrícola, desenvolvimento comercial, expansão urbana, entre outros pontos.

Aos referidos fatores internos, ligados em especial à estabilidade das fronteiras e ao desenvolvimento econômico, devemos ligar também, a fim de melhor compreendermos o crescente interesse europeu em relação ao Oriente após o século XII, os acontecimentos externos, tal qual o enfraquecimento do islã na Ásia. Certamente esses fatos favoreceram o aumento nas viagens de outros grupos de itinerantes, impulsionados, por exemplo, pelo desejo comercial. Assim, como esclarece Joaquín M. Córdoba, à medida que mercadores

---

<sup>2</sup> Para mais informações sobre o conceito de *Homo viator*, ver: GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel. El hombre medieval como '*homo viator*': peregrinos y viajeros. **IV Semana de estudios medievales**, Najera, 1993, Instituto de estudios Riojano, Lograño, 1994, p. 11-30; ZUMTHOR, Paul. **La medida del mundo**: representación del espacio en la Edad Media. Madrid: Cátedra, 1994.

adentraram cada vez mais em portos orientais e peregrinos rumaram em busca das relíquias, o anseio por produtos de luxo, maravilhas e curiosidade aumentava, resultando, novamente, na atração natural do mundo ocidental pelo oriental (Córdoba, 2007).

A expansão europeia em direção ao Oriente ganha um novo capítulo no século XIII devido aos primeiros contatos entre os europeus e os povos oriundos das estepes asiáticas, isto é, os Mongóis. As primeiras relações, como explica J. R. S. Phillips, foram marcadas por violentos ataques, sobretudo à margem da Cristandade. No entanto, a relativa tolerância Mongol ao comércio e às outras religiões tornou-os, à vista da Cristandade, possíveis aliados contra os muçulmanos, sucedendo viagens de comerciantes, missionários e embaixadores, os quais, ao regressarem, escreviam a respeito das terras pouco conhecidas (Phillips, 1994).

Ao transmitirem informações das localidades desconhecidas, os escritos dos viajantes colaboraram para o aumento do conhecimento sobre o Extremo Oriente. As descrições das diferentes culturas e religiões, dos animais exóticos, dos aspectos geográficos e, igualmente, esclarecimentos a respeito do comércio, presentes nesses livros, favoreceram, para além, a crescente curiosidade dos leitores. Diante de um público ávido pelas maravilhas, o século XIV vê, contudo, a Ásia se fechar aos Ocidentais.

María Jesús Lacarra destaca alguns pontos operantes no fechamento do Oriente, como a queda do Império Mongol, a conversão ao islã dos mongóis da Turquia e do Irã e o início da Peste Negra. A autora ressalta que a diminuição das viagens resulta tanto no ressurgimento das antigas lendas quanto na substituição dos escritos dos missionários por vozes menos verídicas. Nesse sentido, há livros, entre os quais destacamos *Viagens de Jean de Mandeville* e *Libro del conocimiento de todos los reinos*, que, em função da falta de informações em primeira mão dos lugares longínquos, buscaram satisfazer os curiosos leitores mediante deslocamentos imaginários, sendo rapidamente assimilados aos relatos verídicos antes redigidos por religiosos e mercadores (Lacarra, 1999).

A assimilação desses livros de viagens imaginários, como verídicos no período de sua escrita resulta do fato de apresentarem o conhecimento de

mundo existente na época e da particularidade de soarem como reais, descrevendo, por exemplo, experiências subjetivas diante das eventualidades, detalhes específicos das regiões percorridas, possíveis rotas e meios de transportes utilizados, entre outros pontos. Dessa forma, objetivamos no presente artigo perceber a situação das viagens em finais da Idade Média refletidas em um deslocamento fictício. Para tanto, teremos como principal fonte o *Libro del conoscimineto de todos los reinos*, sobretudo o itinerário pela Ásia, região pouco provável que tenha percorrido o autor.

Nessa direção, iniciamos o debate apresentando as mudanças que marcaram a recepção do *LC*<sup>3</sup> ao longo dos séculos. Destacaremos, sobretudo, as recentes renovações historiográficas, cuja preocupação recai pouco na autenticidade dos fatos narrados ou do autor, à semelhança dos críticos do século XIX, mas sim nos aspectos relatados e nas razões de serem narrados. Assim, como Marcos Jiménez de La Espada (1887), Paulo Lopes (2016), Nancy F. Marino (1999), entre outros, pensaremos o texto na qualidade de singular dentro do contexto dos relatos de viagens redigidos ao longo do medievo.

Os relatos de viagens de finais da Idade Média, entendidos na posição de um gênero literário, apresentam características comuns, seja no interesse dos autores, seja nas maneiras de relatarem o testemunhando, traços estes importantes devido ao fato de criarem padrões descritivos, algo que o escritor do *LC* busca seguir. Portanto, no segundo momento do debate nos debruçaremos em tais aspectos, percebendo as singularidades da obra e as concordâncias com outros textos na criação de uma narração de viagem.

Por fim, nos debruçaremos nas informações da situação dos deslocamentos na Ásia presentes no *LC*. A análise se seguirá mediante comparações com descrições de outros escritos de viagens, o que nos possibilita ter uma visão mais ampla da conjuntura.

## 1. OS ESTUDOS E A POSSIBILIDADE DE SE COMPREENDER AS VIAGENS MEDIEVAIS MEDIANTE O *LC*

---

<sup>3</sup> A partir deste momento do texto designaremos o texto *Libro del conoscimineto de todos los reinos* de modo abreviado: *LC*. Importante destacar também que as traduções em línguas estrangeiras ao longo do texto foram traduzidas pelo autor do presente artigo, seguindo a versão original em nota de rodapé.

Redigido na segunda metade do século XIV<sup>4</sup>, o *LC* busca descrever todo o mundo conhecido em finais da Idade Média, tendo como centro narrativo o itinerário de um viajante anônimo, mais preocupado em precisar a data de seu nascimento que sua identidade<sup>5</sup>. Sem um destino fixo, o deslocamento começa em Sevilha e se estende em direção a Portugal. Após perpassar localidades pela Europa, incluindo ilhas no Norte e a região dos Balcãs, adentra na África, percorrendo tanto os lugares habituais aos informes de viagem daquele contexto, a exemplo do Egito, quanto os pouco familiares, como a ilha Quimble, na Serra Leoa<sup>6</sup>. Por fim, segue em direção ao Oriente Próximo e ao Extremo Oriente, chegando às localidades mais longínquas do continente asiático. Após atravessar a Índia e o Catai, “(...) fui a Sevilha, local de minha primeira partida” (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 109)<sup>7</sup>.

Comparado com alguns escritos de viagens do período, como os redigidos por Marco Polo, Odorico de Pordenone e Jean de Mandeville, o *LC* foi pouco propagado, somente quatro manuscritos chegaram à contemporaneidade<sup>8</sup>. Contudo, isso não exclui sua importância e a possibilidade de ter influenciado algumas viagens posteriores, direta ou indiretamente. Os padres Pierre Bontier e Jean Le Verrier, por exemplo, em sua crônica de nome

---

<sup>4</sup> Não há um consenso entre os pesquisadores a respeito da data específica da escrita do *LC*, porém apontasse a segunda metade do século XIV. Para mais informações, ver: DE RIQUER, Martín. La heráldica en el Libro del conocimiento y el problema de su datación. **Dicenda**: Estudios de lengua y literatura españolas, n. 6, 1987, pp. 113-320; TAYLOR, Barry. Los libros de viajes de la Edad Media Hispánica: bibliografía y recepción. In: NASCIMENTO, Aires; ALMEIDA RIBEIRO, Cristina. (Orgs.). **Actas IV Congresso da Associação Hispánica de Literatura medieval**. Lisboa: Edições Cosmos, 1993, pp. 57-70.

<sup>5</sup> Antes de começar a narrativa sobre a viagem o autor se apresenta da seguinte maneira: “In the name of the Father and Son and Holy Spirit, who are three individual persons in one essence. I was born in the Kingdom of Castilla, during the reign of very noble King Fernando, son of the noble King Don Sancho, when era of the world, according to the Hebrews, was 5065 years, and the era of the Great Flood 4407 years, and the era of Nebuchadnezzar King of Caldea 2502 years, and the era of Alexander the Great of Macedonia 1617 years, and the era of Caesar Emperor of Roma 1343 years, and the era of Christ 1304 years, and the era of Arabs 706 years, on the eleventh day of the month of September” (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 3).

<sup>6</sup> De acordo com Nancy F. Marino, a ilha denominada de Quible no *LC* se refere à ilha de Sherbo, na costa de Serra Leoa (Marino, 1999, p. 58).

<sup>7</sup> No original: “(...) came to Sevilla, from where I first left” (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p.109).

<sup>8</sup> Sobre os manuscritos, ver: LACARRA, María Jesús. Un nuevo manuscrito del Libro del conocimiento. En: MENÉNDEZ COLLERA, Ana; RONCERO LÓPEZ, Víctor. **Nunca fue pena mayor**: estudios de la literatura Española en homenaje a Brian Dutton. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, 1996, p. 435-441.

*Le Canarien*, escrita no século XV, demonstram dependência aos dados geográficos existentes na obra ao oferecerem notícias das regiões africanas a Jean Béthercourt, cuja viagem objetivava explorar a costa da África:

Como M. de Bethencourt possuía um grande desejo de saber sobre o verdadeiro estado e governo da terra dos Sarracenos e seus portos, os quais foram relatados como bons na terra principal, a distância de doze ligas de nós para a direita do cabo Bojador e da ilha Erbanie, onde M. de Bethencourt agora está, inserimos notas sobre o assunto, extraídas do livro de um frade mendicante, o qual viajou por tais países e visitou todos os portos, que foram mencionados pelo nome. Ele percorreu todos os países, Cristãos, Pagãos e Sarracenos daquelas partes e nomeou todos. Ele nomeia as províncias, os escudos dos reis e príncipes, o que seria tedioso descrever (Bontier; Verrier, 1872, p. 96-97)<sup>9</sup>.

Apontando o autor da *LC* como um franciscano, Pierre Bontier e Jean Le Verrier descrevem as regiões importantes para o nobre Jean Béthercourt chegar ao Rio de Ouro e à terra de Preste João. Além dos supracitados, existe outro deslocamento influenciado pelo texto, empreendido por Henrique, o Navegador, porém essa influência se deu de forma indireta, uma vez que o português leu a tradução de *Le Canarien*<sup>10</sup>, a qual é tida por Buenaventura Bonnet como a única obra a citar o *LC* como principal fonte para o conhecimento geográfico (Bonnet, 1944, p. 213).

Entretanto, nem todas as informações presentes no *LC* sobre o caminho até o Rio de Ouro e a terra de Preste João foram narradas por Pierre Bontier e Jean Le Verrier. Além de alguns recortes descritivos de coisas “que seria tedioso descrever”, sucede também que, na cidade de Melée, residência do Preste João, os religiosos se deparam com um considerável número de descrições de coisas maravilhosas, “(...) das quais não iremos fazer menções no presente livro, a fim

---

<sup>9</sup> No original: “As M. de Bethencourt had a great desire to learn the true state and government of the land of the Saracens and their sea-ports, which were reported to be good on the main land for twelve leagues towards us to the right of Cape Bojador and the island of Erbanie, where M. de Bethencourt now is, we have here inserted sundry notes on this subject, extracted from a book by a mendicant friar who made the tour of this country and visited all the sea-ports, which he mentions by name. He went through all the countries, Christian, Pagan, and Saracen, of those parts, and names them all. He mentions the names of the provinces, and the arms of the kings and princes, which it would be tedious to describe (Bontier; Verrier, 1872, p. 96-97)”.

<sup>10</sup> MARINO, Nancy F. Introduction. In: **El libro del conosciamento de todos los reinos**: The book of knowledge of all kingdoms. Editions, translation and study by Nancy F. Marino. Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies Tempe, 1999, p. XVIII.

de nos apressarmos para outros conteúdos, com medo de os leitores nos terem como mentirosos” (Bontier; Verrier, p. 101-102)<sup>11</sup>.

O período posterior ao medo dos religiosos de serem taxados de mentirosos por inserirem algumas maravilhas foi de pouco interesse por parte dos estudiosos pelo *LC*, algo que muda no século XIX, quando editores da *Le Canarien*, a exemplo de Pierre Bergeron e Richard Henry Major, interessados em confrontar as fontes que serviram de base à crônica se debruçaram no relato de viagem, apontando a inexatidão dos seus dados geográficos<sup>12</sup>. No mesmo sentido, Otto Peschel, escrevendo sobre os feitos dos espanhóis, aponta o conteúdo da obra na qualidade de enganoso<sup>13</sup>. Porém, em meio aos posicionamentos depreciativos das informações presentes no *LC* dos críticos do período, Marcos Jiménez de la Espada propõe considerações diferentes.

Entre as considerações de Marcos Jiménez de la Espada expostas na introdução da primeira edição moderna do *LC*, denominado de *Libro del conocimiento de todos los Reynos y tierras y señoríos que son por el mundo y de las señales y armas que han cada tierra y señorío por sy y de los reys y señores que los proueen, escrito por un franciscano español á mediados del siglo XIV*, publicada em 1877, está a defesa da colocação da obra junto aos grandes livros de viagens produzidos no medievo, a exemplo dos redigidos por Jean de Mandeville, Odorico de Pordenone, João de Pian de Carpini, entre outros, no que se refere à criação de um conteúdo representativo do conhecimento geográfico daquele período. Assim, por não apenas julgar como falsas as informações do texto, o autor diverge de outros estudiosos, os quais, extremando seus rigores metodológicos frente ao livro, não consideraram

Nem o tempo em que foi escrita, nem o assunto, nem a circunstância de ter sido escolhida para guiar uma projetada exploração das costas ocidentais africanas, no começo do século XIV, [como] razão bastante para que a crítica tenha

---

<sup>11</sup> No original: “(...) of which at present we make no mention in this book, in order to hasten on to other matters, and for fear the reader might take them for lies” (Bontier; Verrier, 1872, p. 101-102).

<sup>12</sup> BONNET, Buenaventura. Las canarias y el prime libro de Geografia medieval, escrito por un fraile español en 1650. **Revista de História**, v. 10, 1944, pp. 205-227.

<sup>13</sup> ESPADA, Marco Jiménez de la. Prefácio. In: **Libro del conocimiento de todos los reynos et tierras et señoríos que son por el mundo et de las señales et armas que han cada tierra et señorío por sy et de los reyes et señores que los proueen, escrito por un franciscano español à mediados del siglo XIV**. Madrid, España: T. Fortanet, 1887, p. V.

tratado com a consideração que se merece uma verdadeira curiosidade bibliográfica e documento inestimável para a história da Geografia. Longe disso, tomando por base o extrato devido aos padres Bontier e o Verrier, não há faltado quem lance sobre seu autor os difamantes epítetos de tolo e mentiroso (Espada, 1887, p. IV)<sup>14</sup>.

A aposta de Marcos Jiménez de la Espada em situar o *LC* com os grandes livros de viagens da Idade Média parece ter convencido os eruditos<sup>15</sup>. No entanto, não podemos deixar de destacar a importância de outros pesquisadores, os quais, a partir de estudos detalhados, contribuíram para a mudança dos posicionamentos desfavoráveis ao texto em finais do século XIX e começo do XX. Buenaventura Bonnet destaca, por exemplo, o geógrafo M. D’Avezac, o qual defende o itinerário do franciscano pelo cabo Bojador, e também o político e historiador Antonio Cánovas del Castillo, o qual exalta o conhecimento geográfico presente no livro (Bonnet, 1944, p. 208-209).

Ao longo do século XX, entretanto, percebemos novas mudanças na relação dos pesquisadores com o *LC*. Rafael Beltrán Llavador explica a ocorrência da revisão de alguns problemas pertinentes à obra, bem como novos enfoques de estudos, a partir dos escritos de Peter Russel em finais de 1970 e 1980. Esse autor questiona por exemplo, a autoria do livro por parte de um franciscano, dado existente somente na crônica *Le Cararien*. Do mesmo modo, coloca em dúvida a data de nascimento do viajante e sua origem em Sevilha (Beltrán Llavador, 1991, p. 123-125).

Nessa direção, surgiram diferentes problemas de investigação. Assim, Martín de Riquer<sup>16</sup>, partindo das heráldicas presentes na obra, busca determinar

---

<sup>14</sup> No Original: “Ni el tiempo em que se escribió, ni su asunto, ni la circunstancia de habersele escogido para guía en una proyectada exploración de las costas occidentales africanas, à los principios del siglo XIV, han sido razones bastantes para que la crítica haya tratado con la consideración que se merece una verdadera curiosidad bibliográfica y documento inestimable para la historia de la Geografía. Léjos de eso, tomando por base el extracto debido à los padres Bontier y le Verrier, no ha faltado quien lance sobre su autor los denigrantes epítetos de necio y embustero (Espada, 1887, p. IV).

<sup>15</sup> LÓPEZ-OCÓN, Leoncio. Jiménez de la Espada y Picasso: de cómo un naturalista y un artista editaron e ilustraron un Libro de Viajes medievale por la Canarias y el Continete africano. **Revista bibliográfica de geografía y Ciencias Sociales**, vol. VI, n. 328, Universidad de Barcelona, 2001, p. 1610-1611.

<sup>16</sup>DE RIQUER, Martín. La heráldica en el Libro del conocimiento y el problema de su datación. **Dicenda: Estudios de lengua y literatura españolas**, n. 6, p. 313-320, 1987.



a datação de sua escrita. Keith David Howard<sup>17</sup> revisa a ideia de raça, aplicando o método arqueológico da análise discursiva de Michel de Foucault. Jorge Simon Izquierda Díaz<sup>18</sup> investiga os diferentes nomes dos países nórdicos. Paloma Garcia Alonso<sup>19</sup> analisa o imaginário geográfico, sobretudo em relação ao mítico povo Gog e Magog, algo não muito distinto de Paulo Lopes, o qual se preocupa com a noção dos corpos monstruosos habitantes dos espaços longínquos<sup>20</sup>. Há outras pesquisas cuja questão central bem sintetiza Paulo Lopes ao afirmar que

A questão central não deverá estar em saber se o autor realizou ou não tal viagem, mas sim em apreender o que é que ele considera importante conhecer no mundo, isto é, o que é fundamental saber e revelar. Em última análise, o objetivo deve consistir em perscrutar a forma como o mundo está representado na descrição desse périplo; a mundividência do autor e da sociedade coeva; a importância da viagem enquanto veículo por excelência para informar e dar a conhecer os universos da ordem e da desordem, do eu e do outro, do conhecido e do desconhecido (Lopes, 2015, p. 14).

Nessa perspectiva, a autenticidade do autor ou a veracidade das descrições pouco importam, haja vista as questões centrais estarem no narrado em si. Soma-se a essa percepção amplamente aceita na atualidade o fato de o *LC* não ter sido lido como viagem imaginária no período de sua composição. Desse modo, como aponta Nancy F. Marino, a contemporânea descrença no que diz respeito ao itinerário está baseada sobretudo no conhecimento geográfico atual e na incapacidade da realização do deslocamento naquele contexto, isso porque o texto descreve todo o mundo conhecido até então. Ausente das ditas perspectivas e críticas modernas, percebemos um século XIV

---

<sup>17</sup> HOWARD, Keith, The discourse of nature in the 'Book of knowledge of all kingdoms'. **Miríada hispánica**, n. 17, 2020, p. 43-62.

<sup>18</sup> IZQUIERDO DÍAZ, Jorge Simon. Los nombres de enclaves de los países nórdicos en el "Libro del conocimiento de reynos, tierras y señorios" (S. XIV) y en una relación del diplomático Luan Scheffer (1627). Una comparación diacrónica. **Brocar**, 41 (2017), pp. 37-51.

<sup>19</sup> ALONDO, Paloma Garcia. La leyenda Gog e Magog en el 'Libro del conocimiento'. **Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Románicas**, Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1994, p. 827-842.

<sup>20</sup> LOPES, Paulo. A representação do corpo dos habitantes dos confins do mundo no *Libro del conocimiento*. In: BUESCU, Ana Isabel; DE SOUSA, João Silva; [Et. al.]. **O corpo e os gestos na civilização medieval**. Lisboa, Núcleo Científico de Estudios Medievales/ Instituto de Estudios Medievales; faculdade de Ciências Sociais e Humanas; Universidad Nova de Lisboa: Ediciones Colibri, 2006, p. 77-93.

crédulo com as informações presentes na obra, o que se reflete, por exemplo, na utilização de seu conteúdo na produção de mapas e até em deslocamentos de exploração (Marino, 1999).

Dessa forma, o *LC* constitui para os historiadores, nas palavras de Paulo Lopes, “(...) uma fonte única no contexto dos relatos de viagens medievais, expressando o modo como a Península Ibérica olhava o mundo e suas fronteiras” (Lopes, 2016, p. 34). De igual modo, por não apenas transmitir as curiosidades e as lendas, constitui um documento importante para compreender a situação das viagens em finais da Idade Média, seja por juntar o conhecimento existente, seja pelo fato de apresentar o modo como aqueles que não viajavam pensavam a situação das viagens.

Nesse sentido, para analisarmos as viagens representadas no *LC* em direção à Ásia, devemos incluí-lo no contexto dos escritos de viagens, tendo em conta o fato de estarmos diante de um livro cujo itinerário não ocorreu e do desejo de seu autor de ser lido na qualidade de um viajante real. Assim, buscando transmitir maior credibilidade aos leitores, ocorre o uso de algumas características literárias, a exemplo do que ocorre em outro itinerário fictício do período, *Viagens de Jean de Mandeville*. No próximo tópico, debateremos os referidos aspectos.

## 2. O *LC* NO CONTEXTO DOS ESCRITOS DE VIAGENS MEDIEVAIS

Constitui noção aceita na atualidade o fato da impossibilidade de tudo em um livro ser produto inédito de uma inspiração pessoal, ou unicamente resultado de combinatórias preexistentes, sendo ele visto, então, como transformação desses dois pontos. Daí a importância de, para além de percebermos as particularidades nas recepções historiográficas frente ao *LC*, também o incluir em um gênero literário, o qual, segundo Joan-Pau Rubiés, reconstrói as premissas e regras básicas da produção cultural estudada, identificando o contexto “(...) em que (digamos) uma proposição faz sentido no cerne de um texto, ou um texto faz sentido no contexto mais amplo de livros” (Rubiés, 2000,

p. 6-7).<sup>21</sup>

O corpo literário em que o *LC* se encaixa carrega certa dificuldade no tocante às definições e nomenclaturas rígidas, seja em razão da problemática nas traduções dos termos, seja devido às discordâncias conceituais. Contudo, independentemente do termo utilizado para determinar o gênero literário, isto é, “Literatura de Viagem”, “Romance de Viagem”, “Relatos de Viagem”, entre outros, entendemos o livro como taxonomia ligada aos textos em que o tema do itinerário aparece como central a toda a trama, e não apenas na forma de marco narrativo, conforme destaca Luís Albuquerque García (Albuquerque García, 2006, p. 71).

Assim, autêntico guia prático das viagens, o *LC* apresenta os deslocamentos na qualidade de principal articulador narrativo, à semelhança do que ocorre, por exemplo, nos textos redigidos por Marco Polo, Odorico de Pordenone e Ruy González de Clavijo. No entanto, a obra também carrega suas particularidades, como em seu estilo discursivo pouco inclinado à prosa. Dessa maneira, mais semelhante a um relato cartográfico, ou um “mapa em palavras”<sup>22</sup>, muitas vezes o *LC* apenas nomeia as regiões percorridas, demonstrando que as pretensões do autor consistiam em dar a conhecer todos os reinos existentes no mundo. Referida inclinação, explica-nos Vladmir Acosta, está indicada até mesmo no título da obra, sobretudo em relação às “(...) particularidades, coisas curiosas e prodigiosas existentes em todos os reinos e senhorios descritos, e também em nos descrever as características dos escudos de armas de cada um deles” (Acosta, 1992, p. 259).<sup>23</sup>

No que diz respeito à sequência da descrição dos lugares percorridos, não são identificadas grandes divergências com os escritos de viagens, pois ocorre a ausência de acontecimentos paralelos, ao mesmo tempo em que há uma narração linear, dividida por Paulo Lopes em três etapas do itinerário: a primeira se refere à Europa; a segunda à África, focando sobretudo no

---

<sup>21</sup> No original: “(...) in which (let us say) a proposition makes sense within a text, or a text makes senses within a large body of literature” (Rubiés, 2000, p. 6-7).

<sup>22</sup> PÉREZ PRIEGO, Miguél Ángel. Estudio literario de los libros de viajes medievales. **EPOS**: Revista de Filología, n. 1, p. 226.

<sup>23</sup> No original: “(...) particularidades, cosas curiosas y prodigiosas existentes en todos los reinos y señoríos descritos, y también en describirnos las características de los escudos de armas de cada uno de ellos (Acosta, 1992, p. 259).

Mediterrâneo; e, por fim, a terceira, a qual abrange a Ásia e o retorno a Sevilha. (Lopes, 2016, p. 28). Das 396 localidades narradas durante esse trajeto, 191 são na Europa, 121 na Ásia e 84 na Ásia. Diante desses números, Paulo Lopes conclui que

(...) a discrepância entre os continentes, principalmente entre a Europa e a Ásia, quando relacionada com a mancha cartográfica relativa ao itinerário, [confirma] que à medida que nos distanciamos do universo da cristandade, ou seja da segurança e da ordem, enfraquece o rigor da descrição geográfica, bem como a evocação de lugares – agora muito menos conhecidos, quer em quantidade, quer em riqueza descritiva (Lopes, 2015, p. 18).

O pouco conhecimento das regiões distantes da Europa, em especial a Ásia, resulta especialmente do fato do autor não ter percorrido aquelas localidades. A construção narrativa de um deslocamento imaginário perpassa, então, o uso de informações que estavam presentes, por exemplo, em escritos de viagens anteriores e em mapas. Assim, mesclando o conhecimento a respeito das terras longínquas existentes no período, ocorre a busca por tornar o itinerário crível para os leitores, à semelhança do que ocorre em outro texto fictício quase contemporâneo, *Viagens de Jean de Mandeville*.

Escrito em meados do século XIV, *Viagens de Jean de Mandeville* descreve o itinerário de um cavaleiro inglês, denominado Jean de Mandeville, pelo Oriente Próximo e Extremo Oriente. Tais informações bibliográficas presentes no texto foram tidas como verídicas por séculos, porém, ao longo do século XIX, por meio de minuciosas análises, os pesquisadores as desacreditaram, apontando o deslocamento e o autor como irrealis, algo aceito entre os estudiosos atuais. No tocante à credibilidade inicial na recepção do livro, Mary Campbell explica que não se encontra, nas experiências pessoais descritas nem em grande parte das comunicações exatas dos fatos, mas sim na confiança transmitida em sua literacidade, “(...) uma espécie de intertextual verissimilitude” (Campbell, 1991, p. 126)<sup>24</sup>.

Dessa forma, o deslocamento narrado em *Viagens de Jean de Mandeville* não repercutiu como falso no momento inicial de sua propagação por se

---

<sup>24</sup> No original: “(...) a sort of intertextual verisimilitude” (Campbell, 1991, p. 126).

assemelhar com outros livros de viagens reais escritos no período, como o redigido por João de Pian del Carpini, Guilherme de Rubruc, Odorico de Pordenone, Marco Polo, João de Marignoli, entre outros. Algo semelhante sucede com o *LC*, ao organizar, por exemplo, a cronologia do relato pela passagem nas cidades e espaços o que resulta em 247 menções serem feitas às cidades, 69, ilhas, 36, Reinos, 15 Províncias, 10 montanhas, 7 cabos, 6 rios/golfos/mares, 2 Impérios, 2 condados, 1 “tierra”, 1 território não classificado (*caldea*)<sup>25</sup>.

Principal foco descritivo, o relato dos centros urbanos segue o comum método discursivo denominado na oratória de *Laudibus Urbium*<sup>26</sup>. Contudo, ao invés da convencional estrutura, destacando a localização geográfica, fertilidade da terra, costume dos indivíduos, monumentos e pessoas célebres, sucede uma narrativa mais superficial<sup>27</sup>, do mesmo modo que observamos em Constantinopla:

E de lá eu fui pela costa à cidade que eles chamam de Reçira, do Império de Constantinopla. Partindo de Reçira fui a Constantinopla, uma rica cidade [a qual é] a capital onde eles coroam seu rei, onde há uma grande igreja de Deus chamada de Santa Sofia. É muito alta, ampla e bonita, possui 366 portas. Para além dela há uma torre que é impossível subir. No topo dessa torre tem um cavaleiro feito de metal em seu muito largo cavalo, e ele possui na cabeça um chapéu episcopal em honra ao Imperador Constantino, E possui a mão direita estendida apontando para a Turquia, a qual nos tempos antigos era chamada de Ásia Menor, que está além daquele golfo mar (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 93-95)<sup>28</sup>.

Cidade admirável por excelência, a Constantinopla descrita pelo *LC*

---

<sup>25</sup> Esses números estão presentes no seguinte artigo: LOPES, Paulo. A concepção do espaço no Livro do conhecimento. *Revista memória Europae*, I/1, 2015, pp. 4-41.

<sup>26</sup> De acordó com Miguél Ángel Pérez Priego, tanto os livros de viagens reais, quanto os imaginários, possuíam em graus diversos referida característica (Pérez Priego, 1984, p. 227).

<sup>27</sup> MARINO, Nancy F. Introduction. In: **El libro del conocimiento de todos los reinos**: The book of knowledge of all kingdoms. Edition, translation and study by Nancy F. Marino. Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies Tempe, p. lii.

<sup>28</sup> No Original: “And from there I went along coasts to a city they call Reçira, of the Empire of Constantinople. And I departed Reçira and went to Constantinople, a rich city [which is] the capital where they crown their kings, In which there is a great church of God they call Santa Sophia. It is very tall and very wide and beautiful, and there are 366 doors. Beyond it there is a tower that is impossible to climb. On top of this tower is a knight made for metal on his very large horse, and he has on his head an episcopal hat in honor of the Emperor Constantine. And he has his right-hand extended pointing to Turquia, which was in ancient times called Asia Minor, which is beyond that gulf of the sea” (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 93-95).

carrega aspectos importantes para entendermos quais características chamavam a atenção do autor sobre essa localidade, tendo como exemplo sua situação, ou seja, rica e capital do Império, assim como seus monumentos e edifícios. Outros viajantes apresentam o centro urbano de maneira diferente, como Ruy González de Clavijo<sup>29</sup>, o qual revela diversos detalhes da Igreja de Santa Sofia, ou Jean de Mandeville, quem, para além de narrar a maçã que caiu da mão da estátua de Constantino, interpreta sua indicação ao Oriente como “(...) um sinal de ameaça aos malfeitores” (Mandeville, 2017, p. 39).

Dessa forma, a quantidade dos detalhes das regiões percorridas varia de acordo com os interesses dos viajantes e os motivos que os levaram a escrever. João de Pian del Carpini, por exemplo, preocupado em tornar os Mongóis conhecidos à Cristandade, oferece uma minuciosa narração etnográfica dos povos asiáticos, legando pouco interesse às possíveis rotas. *Viagens de Jean de Mandeville*, por outro lado, escrevendo para um público amplo e tencionando principalmente entreter seus leitores, apresenta um demorado relato das localidades causadoras de admiração, como Jerusalém, a Corte do grande Cã, a Índia e a terra de Preste João. O *LC*, de outro modo, devido à predominância do caráter didático e informativo, carrega poucas narrações associadas às maravilhas, particularidades culturais e sociais das regiões longínquas, detendo-se, em especial, nas passagens rápidas pelas cidades e nas exposições geográficas.

Situação análoga observamos em outras características literárias, tal qual o uso da primeira pessoa. Importante por diferenciar as enciclopédias dos escritos de viagens, a individualização das experiências, a partir do uso de termos como “eu vi” ou “eu ouvi”, colabora também na recepção de certos fatos na qualidade de verídicos<sup>30</sup>. Assim, Marco Polo, logo no começo de seu livro, afirma que vai se referir “(...) às coisas vistas por vistas e as ouvidas por ouvidas, para que nosso livro seja fiel, sem artifícios e enganos e para que as aventuras que aqui se descrevem não sejam tomadas por fábulas” (Polo, 1985, p. 33). No

---

<sup>29</sup> GONZÁLEZ DE CLAVIJO, Ruy. **Embajada a tamorlán**. Buenos Aires, Argentina: Biblioteca Virtual, 2003.

<sup>30</sup> Segundo María Jesús Lacarra, o “Eu” presente no *LC* cumpre diversas funções. “No solo unifica lo que, sin su presencia, no sería más que un incoherente recorrido, sino que además concede credibilidad, vivacidad y didactismo al relato” (Lacarra, 1999, p. 83).

LC, por outro lado, há poucas interrupções do narrador, a exemplo de quando estava no castelo de Margot, onde

Eu vivi por um tempo por causa que todos os dias via e ouvia coisas maravilhosas. E para o norte a Tartaria faz fronteira com as terras de Albizibi, que são terras estéreis e desabitadas, mas em alguns lugares habitam pessoas, os quais são vis e comem carne crua de pescado, possuem rostos longos como de cachorros, mas são brancos e fazem as coisas que vêm fazer, são chamados de Cinocéfalos. Eu vi um deles na cidade de Norgançio (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 83)<sup>31</sup>.

Constituindo uma das poucas situações relacionadas ao “Eu vi”, o contato com os cinocéfalos expressa também uma outra característica dos escritos de viagens do período, a descrição das *mirabilia*, ou seja, os monstros e os acontecimentos mágicos ou milagrosos. Tais fenômenos impulsionavam a curiosidade dos viajantes, ao mesmo tempo que aumentavam o prazer dos leitores, os quais estavam cada vez mais interessados nos mínimos detalhes experienciados durante o deslocamento.

Assim, para além da narração das cidades, individualização das experiências e as descrições da *mirabilia*, havia a comum característica de adicionar ao relato os detalhes dos modos de empreender a jornada. Desse modo, tanto os itinerantes reais quanto os irrealis, buscando aumentar a credibilidade à narração, descrevem as possíveis rotas, os meios de transportes, as companhias, algumas dificuldades, entre outras coisas. No próximo tópico, analisaremos como essa característica se apresenta no LC.

### **3. AS VIAGENS À ÁSIA REFLETIDAS NO LIBRO DEL CONOCIMIENTO DE TODOS LOS REINOS**

José A. Ochoa explica que o primeiro interesse dos pesquisadores frente

---

<sup>31</sup> No original: “I lived for a time because every day I saw and heard marvelous things. And to the north the lands of Albizibi border on encircled Tartaria, which are barren and uninhabited lands, but peoples lives in some places, and they are vile men and they eat raw meat fish and have long faces like dogs, but they are white and do everything they see done, and they call then cynocephali. And I saw of them in the capital of Norgançio (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 83).

aos textos redigidos pelos viajantes durante a Idade Média foi de os recuperar, produzindo edições mais cuidadosas, a exemplo do realizado por Marco Jiménez de la Espada com o *LC*. Em seguida, surgiu a necessidade de estabelecer as características literárias e linguísticas de tais obras, observando, entre outras coisas, as modalidades da narração, se eram reais ou fictícias, e os centros descritivos. Por fim, despontaram as análises históricas, pois, como outros textos medievais, os escritos dos itinerantes possuem relevância em si, "(...) e não somente no estabelecimento de um gênero através das características estilísticas, se não também na análise da *realia*" (Ochoa, 1990, p. 87)<sup>32</sup>.

Assim, houve o aparecimento de pesquisas pertinentes aos modos de viajar, às condições das viagens, aos tipos de embarcações, ao tempo de travessia, às possíveis rotas, aos alimentos consumidos, às expectativas, entre outros. O foco principal desses estudos está sobretudo no contexto histórico produtor dos deslocamentos, uma vez que, como afirma Claude Kappler, o período condiciona o ânimo e o ponto de vista dos itinerantes, bem como impõe leis sobre quem vai empreender as jornadas, ou seja, mercadores, cavaleiros, missionários, exploradores, etc. (Kappler, 1986, p. 49).

Em relação ao contexto de escrita do *LC*, entre 1348 e 1375, a historiografia destaca as dificuldades das viagens à Ásia com a degradação do Império dos Mongóis e o estabelecimento da dinastia Ming, em 1368. Todavia, não ocorreu o completo fim dos contatos entre Ocidente e Oriente, como exemplificam os deslocamentos de Niccoló de' Conti, mercador da região de Chioggia, que percorreu a Síria, Índia e o Mar Vermelho entre 1415 e 1440<sup>33</sup>. Dessa forma, certamente, as jornadas empreendidas pelo autor da obra analisada no presente estudo junto com mercadores não causaram espanto nos leitores daquele período, a exemplo do trajeto entre o Porto de Ormuz e o Reino de Delini:

E parti de Sabba e fui a cidade de Hormixio, a qual já falei acima, e permanecia aqui por um tempo. Então fui com mercadores um longo caminho [até] chegarmos ao reino de nome Delini; que

---

<sup>32</sup> No original: "(...) y no sólo en el establecimiento de un género a través de las características estilística, sino también en el análisis de *realia*" (Ochoa, 1990, p. 87).

<sup>33</sup> Claude Kappler coloca outros viajantes, como Hans Schiltberger (1396) e Guillebert de Lannoy (1413) (Kappler, 1986, p. 52-53).



pertence ao rei da Índia, e possui muitas terras habitadas e ricas (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 73)<sup>34</sup>.

Deixando as localidades mais conhecidas, tal qual a Ásia Menor e a faixa Síria-Palestina<sup>35</sup>, o viajante, então, entra na Índia, menos familiar, acompanhado de mercadores, sendo essa região estimada por efeito das qualidades comerciais de suas especiarias: “E sabeis que neste reino de Lini frutifica a pimenta, o gengibre, a gualoc e outras muitas espécies, as quais são colhidas em grande quantidade e levadas por todo o mundo” (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 73)<sup>36</sup>. Assim, ocorre a representação de Ormuz como entrada da Índia, perspectiva geográfica semelhante à proposta por Jean de Mandeville<sup>37</sup>. De igual modo, há a comum interação entre os itinerantes e os mercadores, situação análoga aos escritos reais de viagens, os quais, por vezes, obtinham informações sobre as rotas com os comerciantes.

Nesse sentido, Pero Tafur, por exemplo, estando no mosteiro de Santa Catarina, almejava chegar à Índia, porém, ao buscar obter informações daquelas localidades com uma caravana que chegava à região, depara-se com o mercador Niccoló de' Conti, quem o desencorajou de tal empreita (Pero Tafur, 1874, p. 95). De igual modo, Guilherme de Rubruc, ao chegar em Soldaia e tendo a possibilidade de viajar em carroças de bois ou a cavalo, escolhe as carroças, em especial devido ao conselho dos mercadores, os quais apontaram essa alternativa como meio de transporte mais veloz, o que “(...) foi um grande erro, pois viajei dois meses até Sartach, o que teria feito em um só, se tivesse ido com cavalos” (Rubruc, 2005, p. 118).

Dessa forma, os mercadores, grupo presente nas rotas do Oriente Próximo e Extremo Oriente, influenciavam as viagens, fato do qual o autor do LC se mostra consciente, inclusive no tocante aos possíveis meios de transporte.

---

<sup>34</sup> No original: “And I departed Sabba and headed for the city of Hormixio of which I told above, and I stayed there for a time. And from there I went with merchants a long way and we reached a kingdom they call Delini; and it belong to the king of India and has many great inhabited and rich lands” (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 73).

<sup>35</sup> Paulo Lopes denomina essa região da Ásia Menor e da faixa Síria-Palestina de “Território de Fronteira”, entre uma região conhecida e outra pouco familiar (Lopes, 2016).

<sup>36</sup> No original: “And know that in this kingdom of Lini pepper and ginger and *gualos* and many other spices grow, and they harvest a great amount of them that they take all over the world” (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 73).

<sup>37</sup> Denominado Ormuz de Crues, Jean de Mandeville afirma que nessa cidade chegam muitos mercadores de Veneza e Gênova (Mandeville, 2007, p. 158).

Em uma nau com comerciantes, por exemplo, o autor afirma sair de Tripul de la Siria no Mediterrâneo em direção à Chipre, percorrendo em seguida as ilhas de Romania, “(...) as quais são de Arcandia, de lá para Morea, depois Creta, então para o Negro Ponte” (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 93. Trad. nossa)<sup>38</sup>. Em outra situação, não se especifica o tipo de embarcação, contudo, em uma nave com cristãos “comanos” atravessa todo o Mar de Saara, “(...) partindo do porto de uma cidade chamada de Godaspi, que pertence ao império de Benascayt, Imperados da Pérsia” (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 87)<sup>39</sup>.

Há outras situações nas quais o autor declara ter viajado com mercadores, cristãos ou não, informando as possíveis companhias durante o trajeto e os tipos de embarcações que acreditava serem utilizadas em determinadas regiões. De igual modo, a presença dos comerciantes esboça as possíveis rotas comerciais, a exemplo das duas destinadas ao Catai, sendo uma com início em Cyprus, Armenia, Turquia, Iraque, Tabriz e, por fim, Samarcanda; enquanto a outra começa em Constantinopla, Armênia Maior, Armênia Menor, Trastago, Norgança, Montes Caspio, Cato e Bocarin. Na segunda, há o deslocamento por algumas regiões após o encontro com

(...) alguns mercadores cristãos que vinham do Catayo, então fui com eles 36 dias a outra cidade de nome Cato (...). De lá partimos do reino de Cato e viajamos um longo caminho e não encontramos cidades, embora essas terras sejam bastante populosas de pessoas e castelos. Encontramos muitas montanhas altas que apenas se projetam fora dos Montes Caspios e se estendem até o Mar do Sara. Então cruzamos a acima mencionada montanha por passagens muito altas e viajamos um longo caminho por terras abundantes, porém sem cidades ou bairros, até chegarmos a uma grande cidade de nome Nogança, a qual está no Império de Uxbeco (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 85-87)<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> No original: “(...) which are Ancandia, and from there to Morea, and from there to Greta, and from to Negro Ponte” (*Libro del conocimineto de todos los reinos*, 1999, p. 93).

<sup>39</sup> No original: “(...) took port in a city they call Godaspi, which belongs to the empire of Benascayt, Empeor of Persia” (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 87).

<sup>40</sup> No original: “(...) some Christian merchants who were coming to Catayo, and I came with them thirty-six days to another city call Cato (...). From there we departed the kingdom of Cato and traveled a long way and did not find town city, but it is a land very populated by people and castle. And we found very high mountains that juts off the Caspios Montains and extend to the Sea of Sara. (...). And we crossed the aforementioned mountain by a very high pass and traveled a long way though a very abundant land, although there are no cities or towns, until we reached a great

Segundo J. K. Hyde, a inclusão dessa rota suporta a possibilidade de serem informações transmitidas por mercadores (Hyde, 1982, p. 146). Para além, a especificidade de empreender um itinerário com comerciantes cristãos demonstra a ideia da ainda permanência das trocas comerciais entre o Ocidente e o Extremo Oriente, fato que se soma à expectativa de encontrar naquelas regiões cidades propícias às práticas mercantis, como na descrição da ilha de Java, para a qual o autor

(...) embarcou em um barco com mercadores e atravessou o Mar Verde. Então chegaram ao porto da ilha de Java que está no Mar da Índia, sendo uma grande ilha de quarenta dias de viagem de tamanho. Possui três grandes reinos nessa ilha. Eles chamam um de mogoles, o outro de Javales e Manbrot. São terras muito povoadas, mas não possuem cidades pois os seus habitantes vivem no campo e colhem diferentes espécies de especiarias, muita pimenta e plantas odoríficas. No entanto, é uma ilha muito quente (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 75)<sup>41</sup>.

Acompanhado de comerciantes, o viajante entra em Java, importante porto comercial da Ásia. Região de poucas cidades, devido ao calor do sol, constitui o local de morada dos grifos e se encontra repleta de produtos amplamente estimados no Ocidente, tal qual as especiarias, pimenta e plantas odoríficas. A expectativa do autor da *LC* das coisas encontradas na localidade não difere de outros viajantes.

O suposto cavaleiro Jean de Mandeville, por exemplo, afirma que na Ilha de Java "(...) se produz todo tipo de especiarias com mais abundância que em nenhum outro lugar, tais como: gengibre, cravo, canela, zedoária, nos-moscada e macis" (Mandeville, 2007, p. 175). Para o franciscano Odorico de Pordenone, essa era a melhor ilha para se morar, com grandes quantidades de alimentos e

---

city that they call Noganção, which is in the Empire of Uxbeco" (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 85-87).

<sup>41</sup> No original: (...) embarked a ship with merchants, and we crossed the Green Sea. And we took port at the island of Java that is in the Sea of India, and it is a great island that is forty-days journey long. And there are three great kingdoms on this island. They call one Mogoles, and the other Javales, and the other Manbrot. And it is an inhabited land, but there no cities because all inhabitants live in the countryside and harvest many spices, and a lot of pepper and fragrant gums. Nevertheless, it is a very hot land" (*Libro del conocimiento de todos los reinos*, 1999, p. 75).

riquezas refletidas no palácio do rei, tido na posição de mais rico e belo existente no mundo, com degraus alternados de ouro e prata, muros internos revestidos de lâminas de ouro, onde eram “(...) esculpidos somente cavaleiros de ouro, tendo um círculo grande de ouro em torno da cabeça, como os nossos santos; o círculo, porém, é todo de pedras preciosas” (Pordenone, 2005, p. 304). Já o mercador Marco Polo descreve o local da seguinte maneira:

Esta ilha tem grande riquezas. Tem pimenta, noz-moscada, galanga, açofoeifa, cravo e as especiarias mais raras. Ali vêm de toda a parte barcos e mercadores, que compram toda a espécie de mercadorias e fazem grande negócios. Há ali tesouros. Digo que o Grã-Cã não pôde toma-los, por ser perigosa a travessia e longo o caminho para alcança-la (Polo, 1985, 193).

Dessa forma, mesmo sem ter viajado e percorrido a ilha de Java ou outras localidades na Ásia, o autor do *LC* reflete a expectativa das coisas que poderia encontrar naquelas regiões. O mesmo acontece com os possíveis meios de transporte, as rotas, quem percorria os caminhos, a situação da interação entre as regiões, o tratamento legado aos viajantes, entre outras coisas. Assim, mesmo imaginário, o *LC* se soma aos escritos de viagens no tocante a constituir uma fonte importante para compreender a situação das viagens em finais da Idade Média.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Redigido em meados do século XIV, o *LC* apresenta o itinerário de um viajante anônimo por todas as terras conhecidas pela Cristandade em finais da Idade Média. Assim, há descrições das regiões da Europa, África e Ásia, sendo pouco provável que o autor tenha percorrido todas as localidades narradas, em especial do Oriente, constituindo, portanto, em grande parte, um relato de viagem imaginário. Pouco inclinado à prosa literária, o texto esboça uma narrativa semelhante a um “mapa em palavras”, muitas vezes apenas nomeando cidades e reinos, característica esta que serviu de apoio a críticas e estudos detalhados.

No ano de 1999, María Jesús Lacarra afirmava que, entre os quatro livros

de viagens espanhóis produzidos ao longo do século XIII e XV, os pesquisadores focam as preocupações metodológicas sobretudo na *Embajada a Tamorlán* e no *Tratado de las andanças e viajes de Pero Tafur*, sendo poucos os que dedicam interesse ao *Libro del infante Don Pedro de Portugal* e ao *LC* (Lacarra, 1999, p. 77). Contudo, nas últimas décadas ocorreu um aumento nos estudos de ambos os textos, motivados em especial pelas mudanças historiográficas no trato com os relatos de viagens, haja vista o interesse agora ser no narrado em si e não mais na autenticidade das descrições.

Nessa direção, o presente artigo objetivou responder à questão pertinente à possibilidade de analisar a situação dos deslocamentos em finais da Idade Média em um livro de viagem imaginário, no caso o *LC*. Assim, percebemos o fato de um texto baseado em um itinerário fictício ser uma fonte útil para a análise da noção dos indivíduos que não viajavam das coisas possivelmente existentes nas terras distantes, a exemplo dos produtos, povos e cidades, bem como dos modos de realizar o deslocamento, ou seja, as rotas, transportes e dificuldades.

Em tal empreitada, primeiramente destacamos as diferentes maneiras de ler o texto ao longo dos séculos. Fonte para Pierre Bontier e Jean Le Varrier no século XV para a escrita da crônica *Le Canarien*, foi pouco estudada até o século XIX, quando críticos, por um lado, depreciaram o conhecimento geográfico, enquanto do outro, sobretudo Marcos Jiménez de la Espada, defenderam as informações. Outra mudança sucede no final do século XX, momento marcado pela busca da compreensão da influência dos aspectos sociais e culturais na criação dos relatos de viagem.

Assim, analisamos em seguida as influências culturais na criação da narrativa. Compreendendo os relatos de viagens na posição de gênero literário, observamos as características comuns entre o *LC* e outros textos do período, bem como suas singularidades. Entre as individualidades, os interesses nas descrições, em especial, se salientam. Já em relação aos traços comuns destacam-se, por exemplo, a cronologia ser baseada na passagem das cidades e regiões, o itinerário ser o principal articulador narrativo, a presença de informações pertinentes a realização da viagem, entre outros pontos.

Em relação às informações sobre os trajetos, observamos que o autor da *LC* deixa transparecer a noção da situação das viagens no Oriente por parte de

um indivíduo que não viajou, como ao destacar as jornadas empreendidas juntos aos mercadores. De igual maneira, apresenta possíveis rotas, meios de transportes, a expectativa das coisas que poderia encontrar em determinadas cidades, entre outras coisas.

Por fim, observamos a possibilidade de mediante a análise do *LC* compreendermos tanto a relação dos indivíduos medievais com as viagens, quanto a noção da situação das interações entre Ocidente e Oriente mediante um escrito de viagem imaginário redigido no século XIV.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Vladmir. **Viajeros y maravillas**. Tomo III. Caracas, Venezuela: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 1992.
- ALBURQUERQUE GARCÍA, Luís. Los libros de viajes como género literario. In: LUCENA GIRALDO, Manuel; PIMENTEL, Juan. (Orgs.). **Diez estudios sobre literatura de viajes**. Madrid: CSIC, 2006, p. 67-87.
- ALONSO, Paloma Garcia. La leyenda Gog y Magog en el 'Libro del conocimiento'. **Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filología Románicas**, Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1994, p. 827-842.
- BELTRÁN LLAVADOR, Rafael. Los libros de viajes medievales castellanos: introducción al panorama crítico: ¿Cuántos libros de viajes medievales? **Revista de Filología Románica**, Universidad Complutense, vol. Extra, n. 1, 1991, pp. 121-164,
- BONTIER, Pierre; VERRIER, Jean le. **The Canarian or the book of the conquest and conversion of the Canarians**. London: Hakluyt Society, 1872.
- BONNET, Buenaventura. Las canarias y el primer libro de geografía medieval, escrito por un fraile español en 1350. **Revista de Historia**, v. 10, 1944, p. 205-227. Disponible en: <https://mdc.ulpgc.es/utills/getfile/collection/revhistoria/id/794/filename/795.pdf>. Acessado en 05/07/2020.
- CAMPBELL, Mary. **The witness and the other world: exotic European Travel writing, 4000-1600**. Ithaca, New York: Cornell Seventy Press, 1991.
- CARPINI, João de Pian Del. História dos Mongóis. In: **Crônicas de viagem: franciscanos nos Extremos Oriente antes de Marco Polo (1245-1330)**. Trad. Intro. E notas de Ildefonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre; Bragança Paulista: EDIPUCRS/ Edusf, 2005, pp. 29-104.
- CÓRDOBA, Joaquín M. La atracción por Oriente. In: NOVOA PORTELA; Feliciano; RUIZ DE TOLEDO, F. Javier. (Orgs.). **Viajes y viajeros en la Europa Medieval**. Barcelona, España: -Lunwerg Editores y CSIC, 2007, p. 77-100.

DE RIQUER, Martín. La heráldica en el Libro del conocimiento y el problema de su datación. **Dicenda**: Estudios de lengua y literatura españolas, n. 6, 1987, p. 313-320.

**El libro del conocimiento de todos los reinos**: The book of knowledge of all kingdoms. Edition, translation and study by Nancy F. Marino. Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies Tempe, 1999.

ESPADA, Marco Jiménez de la. Prefácio. In: **Libro del conocimiento de todos los reynos et tierras et señoríos que son por el mundo et de las señales et armas que han cada tierra et señorío por sy et de los reyes et señores que los proveen, escrito por un franciscano español á mediados del siglo XIV**. Madrid, España: T. Fortanet, 1887.

GÁRCIA DE CORTÁZAR, José Ángel. El hombre medieval como ‘*homo viator*’: peregrinos y viajeros. **IV Semana de Estudios medievales**, Najera, 1993. Instituto de Estudios Riojano, Logroño, 1994, pp. 11-30.

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, Ruy. **Embajada a Tamorlán**. Buenos Aires, Argentina: Biblioteca Virtual, 2003.

HOWARD, Keith. The discourse of nature in the ‘Book of knowledge of all kingdoms’. **Miriada hispánica**, n. 17, 2020, pp. 43-62.

HYDE, John Kenneth. Real and imaginary journeys in the Later Middle Ages. **Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester**, v. 65, issue 1, 1982, pp. 125-147.

IZQUIERDO DIÁZ, Jorge Simon. Los nombres de enclaves de los países nórdicos en el “Libro del conocimiento de reynos, tierras y senórios” (S. XIV) y en una relación del diplomático Luan Scheffer (1627). Una comparación diacrónica. **Brocar**, 41 (2017), pp. 37-51.

KAPPLER, Claude. **Monstruos, demonios y maravillas a fines de la Edad Media**. Madrid, España: Ediciones Akal, 1986.

LACARRA, María Jesús. El Libro del conocimiento: un viaje alrededor de un mapa. In: **Libro del conocimiento de todos los rregnos et tierras et señoríos que son por el mundo, et de las señales et armas que han**. Transcripción, estudio e índices María Jesús Lacarra, María Carmen Lacarra Ducay, Alberto Montaner. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, 1999, p. 77-93.

LACARRA, María Jesús. Un nuevo manuscrito del Libro del conocimiento. En: MENÉNDEZ COLLERA, Ana; RONCERO LÓPEZ, Víctor. (Orgs.). **Nuca fue pesar mayor**: estudios de literatura española en homenaje a Brian Dutton. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, 1996, pp. 435-441.

LOPES, Paulo. A concepção do espaço no Livro do conhecimento. **Revista memoria Europae**, I/1 (1), 2015, p. 4-41. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/19397/1/A%20concep%c3%a7%c3%a3o%20do%20espa%c3%a7o%20no%20Livro%20do%20Conhecimento%20%28Memo%20ria%20Europae%29.pdf>. Acessado em 05/07/2020.

LOPES, Paulo. Ordenar o mundo pela fronteira imaginária: o caso do Livro do conhecimento. **História de Fronteira**, n. 2, 2016, p. 14-35.

LOPES, A representação do corpo dos habitantes dos confins do mundo no *Libro del conocimiento*. In: BUESCU, Ana Isabel; DE SOUSA, João Silva; [Et. Al.]. **O corpo e os gestos na civilização medieval**. Lisboa, Núcleo Científico de Estudos Medievais/ instituto de Estudos Medievais; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; universidade de Nova Lisboa: Edições Colibri, 2006, p. 77-93.

LÓPEZ-OCÓN, Leoncio. Jiménez de la Espada y Picasso: de cómo un naturalista y un artista editaron e ilustraron un Libro de Viajes medieval por las Canarias y el Continente Africano. **Revista Bibliografía de geografía y Ciencias Sociales**, vol. VI, n. 328, Universidad de Barcelona, 2001, pp. 1608-1619.

MARINO, Nancy F. Introduction. In: **El libro del conocimiento de todos los reinos: The book of knowledge of all kingdoms**. Edition, translation and study by Nancy F. Marino. Arizona: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies Tempe, p. XI-LVII, 1999.

OCHOA, José A. El valor de los viajes medievales como fuentes históricas. **Revista de Literatura Medieval**, n. 2, Madrid, España, 1990, pp. 85-102.

Disponível em:

<https://ebuah.uah.es/xmlui/bitstream/handle/10017/5072/El%20Valor%20de%20los%20Viajeros%20Medievales%20como%20Fuente%20Hist%C3%B3rica.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 05/06/2017.

PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. Estudio literario de los libros de viajes medievales. **EPOS: Revista de Filología**, núm. 1, p. 217, 1984. Disponível em: <http://revistas.uned.es/index.php/EPOS/article/view/9405/8961>. Acessado em 07/04/2018.

PERO TAFUR. **Andanças e viagens de Pero Tafur por diversas partes del mundo ávidos (1435-1439)**. Edição, prólogo, notas e índices de Marcos Jiménez de la Espada. Madrid: Colección de Libros Españoles raros o curiosos, Imprenta de Miguel gínesta, 1874.

PHILLIPS, J. R.S. **La expansión medieval de Europa**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1994.

POLO, Marco. **O livro das maravilhas**. Tradução Elói Braga Junior. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PORDENONE, Odorico de. Relatório. In: **Crônicas de viagem: franciscanos nos Extremos Oriente antes de Marco Polo (1245-1330)**. Trad. Intro. E notas de Ildfonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre; Bragança Paulista: EDIPUCRS/ Edusf, 2005, pp. 115-243.

RUBIÉS, Joan-Paul. Travel Writing as a genre: facts, fiction and inventions of scientific discourse in Early Modern European. **Journeys**, vol. 1, Issue 1, 2000, p. 05-35

RUBRUC, Guilherme. Itinerário. In: **Crônicas de viagem: franciscanos nos Extremos Oriente antes de Marco Polo (1245-1330)**. Trad. Intro. E notas de Ildfonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre; Bragança Paulista: EDIPUCRS/ Edusf, 2005, pp. 115-243.



TAYLOR, Barry. Los libros de viajes de la Edad Media Hispánica: bibliografía y recepción. In: NASCIMENTO, Aires; ALMEIDA RIBEIRO, Cristina. (Orgs.). **Actas IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura medieval**. Lisboa: Edições Cosmos, 1993, pp. 57-70.

**Viagens de Jean de Mandeville**. Tradução, introdução e notas Susani Silveira Lemos França; Bauru, SP: Edusc, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **La medida del mundo**: representación del espacio en la Edad Media. Madrid: Cátedra, 1994.